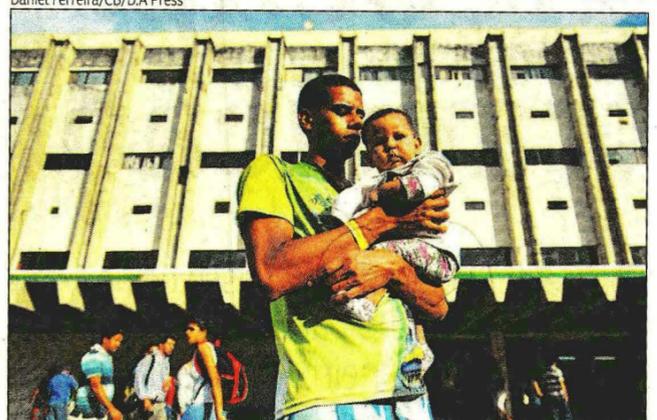




Até o fim da greve, usuários se arriscavam com transporte pirata



Edson Costa, com dores no peito e falta de ar, teve que voltar para casa



Daimerson Pereira carrega a filha, com o ombro deslocado: fila de espera

Brasilienses reclamam de abandono da cidade

» ISA STACCIARINI
» MARYNA LACERDA
» AILIM CABRAL

Próximo ao fim do ciclo político, problemas nos serviços públicos e na infraestrutura do Distrito Federal se acumulam e aumentam os transtornos para a população. Na lista de dificuldades, estão paralisações de rodoviários, falta de refeições nos hospitais e acúmulo de lixo nas ruas. A paralisação dos rodoviários da Viação Pioneira e da cooperativa Alternativa, por exemplo, acabou ontem, depois de oito dias. Pelo menos 200 mil usuários foram afetados. Em apenas um dia de interrupção da coleta de lixo, formaram-se montanhas de sacolas nos contêineres de todas as cidades. Para ouvir as queixas dos moradores, o Correio percorreu cidades como Gama, Santa Maria, Ceilândia e Paranoá e identificou os gargalos da administração pública.

Antes da solução com o transporte público, uma manifestação de 100 rodoviários no Paranoá resultou na prisão de dois motoristas: Raimundo Nunes Pereira, 45 anos, e Josivam Gonçalves de Sousa, 35. Eles são suspeitos de arremessar objetos que quebraram um vidro de um micro-ônibus. Durante a ação, os trabalhadores impediam a circulação de vans e ônibus piratas. Passageiros tinham que descer dos veículos. Os detidos foram autuados por arremesso de projétil, resistência e desacato. Os dois assinaram o termo circunstanciado e foram liberados.

No Paranoá, as vans e os micro-ônibus clandestinos cobravam R\$ 3 para ir ao Plano Piloto.

Carlos Vieira/CB/D.A Press



Luciana Aparecida até gravou uma propaganda em que se referia com esperança aos problemas no Sol Nascente, mas eles só aumentaram



SUGESTÃO DO LEITOR

A volta para casa, no entanto, era ainda mais cara. Alguns chegavam a exigir entre R\$ 6 e R\$ 10 de cada pessoa. A vendedora Karen Rodrigues, 21 anos, tem gastado R\$ 26 por dia desde que a paralisação teve início. "Preciso entrar no trabalho às 14h, mas esses dias eu tenho chegado por volta das 15h30. Saio às 21h do serviço, mas só voltado para casa mais de meia-noite. Os veículos piratas rodam lotados e eu tenho medo, porque a gente nunca sabe se dá para confiar. Mas não tenho outra alternativa", lamenta.

Retorno

Depois de tanta confusão, o acordo da volta ao trabalho dos rodoviários da Viação Pioneira

ocorreu em reunião na Procuradoria-Geral de Justiça, na sede do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT), na tarde de ontem. Após mais de três horas a portas fechadas, a promessa saiu: o retorno dos ônibus às ruas do Distrito Federal ocorreria ainda na volta para casa ontem à noite. A negociação só foi possível porque a Viação Pioneira fez um empréstimo bancário de R\$ 6 milhões no BRB a fim de pagar os salários e tickets-alimentação atrasados dos rodoviários. A remuneração é referente ao mês de outubro e tinha que ser depositada até 5 de novembro. A promessa é de que o valor seja repassado aos empregados hoje.

O diretor de Planejamento da Pioneira, Maurício Moreira, explicou que o governo garantiu

repassar R\$ 14 milhões à empresa até a quinta-feira da semana que vem. O valor se refere à operação branca do Expresso-DF, quando o BRT funcionou sem cobrança de tarifa para os passageiros. "Esse valor será usado para pagar a próxima folha de adiantamento dos empregados depositada todo dia 20 de cada mês", esclareceu. O diretor-geral do DFTrans, Jair Tedeschi, confirmou que o montante de R\$ 14 milhões será pago na próxima semana. "O dinheiro é proveniente do repasse do tesouro do GDF para o DFTrans. Isso é subsídio", garantiu. Além do retorno da Viação Pioneira, motoristas e cobradores da cooperativa Alternativa também voltaram ao trabalho depois de o DFTrans repassar, ontem, R\$ 63 mil à empresa. A cooperativa opera o transporte público de Brazlândia.



Preciso entrar no trabalho às 14h, mas esses dias eu tenho chegado por volta das 15h30. Os veículos piratas chegam lotados e eu tenho medo, porque a gente nunca sabe se dá para confiar. Mas não tenho outra alternativa"

Karen Rodrigues, moradora do Paranoá

Só voltou a comida

A saúde é outra área atingida. Desde o começo do ano, a falta de alimentos afetava os funcionários dos hospitais da rede pública. Nesta semana, a falta atingiu também os acompanhantes dos pacientes. Tudo porque a Sanoli, empresa responsável pelo fornecimento de refeições para a rede pública, havia informado que não vinha sendo paga pelo governo. Na manhã de ontem, a empresa entrou em acordo com a Secretaria de Saúde do Distrito Federal (SES-DF).

O órgão se comprometeu a pagar os débitos referentes às faturas de setembro e ao reajuste da data-base dos funcionários, vencida desde janeiro. Na quarta-feira, foram depositados R\$ 2,5 milhões, e hoje serão mais R\$ 11 milhões. Diante do compromisso firmado, a Sanoli retomou os serviços ontem. A falta de alimentação fez com que surgissem atos de solidariedade. Servidores e familiares da Unidade de Pediatria do Hospital Materno Infantil de Brasília (Hmib) se mobilizaram para distribuir alimentos para os acompanhantes ontem e hoje. As doações vieram do Biscoito Mineiro, do Subway e do grupo Mães Amigas de Águas Claras.

Os problemas na saúde, no entanto, não estão todos resolvidos. A demora no atendimento é grave. O metalúrgico Daimerson Pereira, 23 anos, reclama que, desde quarta-feira, busca atendimento para a filha, Natasha Beatriz Santos Damasceno, de 5 meses. Passou por Planaltina, Hmib e Hospital de Base. A bebê estava com o ombro deslocado e ficou das 12h às 17h aguardando atendimento. "É um absurdo, um descaso. Sem ônibus, não sei nem como podemos voltar para casa depois que ela for atendida", reclama Daimerson.

Já no Hospital do Gama, o aposentado Edson Costa, 60 anos, esperou do meio-dia até as 16h. A esposa, Maria Lúcia Martins, 59, explicou que ele sofreu um derrame há dois anos e hoje amanheceu com dores no peito e falta de ar. "Corremos para cá, mas já faz horas. Disseram que só há um cardiologista e que ele não está aqui no hospital agora", reclama. Maria Lúcia conta que o marido queria ir embora. "Ele não quer mais sofrer aqui esperando, prefere sentir dor em casa. Vou tentar voltar à noite para ver se nos atendem", lamenta.

Decepção após as promessas

As greves e as crises na saúde e no transporte são a ponta de lança dos problemas dos serviços públicos que deixam para a população o gosto amargo da desassistência. São promessas e planos de mudança não concretizados e transformados em lama e lixo pelas cidades do Distrito Federal. Pelas ruas, há a sensação de um território sem qualquer melhora, como os moradores acreditaram que seria possível neste ciclo político que se encerra.

É o caso da vendedora Luciana Aparecida Faria de Souza, 32 anos, decepcionada ao ver que o período de chuvas chegou e os buracos da Avenida Central do Sol Nascente permanecem lá. "Eu me sinto chateada. A gente ouve que vai melhorar o transporte e não vai mais ter lixo espalhado na rua. Mas tudo continua como antes", reclama a vendedora. Ela conta que chegou a gravar uma entrevista para um programa institucional, no qual

mostrava a esperança no futuro da cidade. "Eu disse que, com a reforma da pista central, com a troca do asfalto, a nossa vida ia ficar mais fácil. O prazo prometido era junho deste ano. Acreditei que tudo ficaria pronto naquela época", lamenta.

Esquecimento

A falta de urbanização no Sol Nascente incomoda o comerciante Ivan Gonçalves, 55 anos.

"Eles (os candidatos) vêm aqui para pedir votos, mas não cumprem o que nos prometem. Moro aqui há 11 anos e vejo a falta de higienização nas ruas desde então. O esgoto ainda corre a céu aberto, mas já nos prometeram uma rede de saneamento", pontua. Para ele, o esquecimento se agrava no fim dos governos. "Se já não lembram da gente logo depois que ganham, não é agora que vão colocar as máquinas para trabalhar por aqui", afirma.



Quantidade de habitantes dos condomínios Pôr do Sol e Sol Nascente, ambos em Ceilândia